

ABEL BOTELHO'S *O LIVRO DE ALDA*. DEGENERATION E SOCIAL PATHOLOGY IN FIN-DE-SIÈCLE PORTUGAL

Resumo

O artigo propõe uma análise do romance *O livro de Alda* (1895) do escritor português Abel Botelho a partir do conceito de degenerescência assim como foi teorizado por Bénédict-Augustin Morel. Nesta perspectiva, as cartas que compõem o tecido narrativo da obra de Botelho parecem concentrar os pressupostos ideológicos de toda a série *Patologia Social*, representando, através da figura de Alda, a degradante visão oitocentista sobre a mulher e expressando, ao mesmo tempo, uma crítica à decadência e a corrupção moral da sociedade portuguesa finissecular.

Palavras-chave

Abel Botelho; *O Livro de Alda*; *Patologia Social*; Portugal finissecular; Naturalismo.

Abstract

The article proposes an analysis of the novel *O livro de Alda* (1895) by the Portuguese writer Abel Botelho based on the concept of degeneration as theorised by Bénédict-Augustin Morel. From this perspective, the letters through which the narrative in Botelho's work develops seem to concentrate the ideological assumptions of the entire series *Patologia social*, representing, through the figure of Alda, the degrading Nineteenth-century vision of women and criticising, at the same time, the decadence and moral corruption of fin-de-siècle Portuguese society.

Keywords

Abel Botelho; *O Livro de Alda*; *Patologia Social*; Fin-de-siècle Portugal; Naturalism.

* * *

Referencia: De Crescenzo L. (2022). *O livro de Alda* de Abel Botelho: degenerescência e patologia social no Portugal finissecular. *Cultura Latinoamericana*, 36 (2), pp. 292-308 DOI: <http://dx.doi.org/10.14718/CulturaLatinoam.2022.36.2.13>

El presente artículo de investigación es resultado de un proyecto de investigación desarrollado en la Università Roma Tre.

Fecha de recepción: 8 de agosto de 2022; fecha de aceptación: 10 de septiembre de 2022

O LIVRO DE ALDA DE ABEL BOTELHO: DEGENERESCÊNCIA E PATOLOGIA SOCIAL NO PORTUGAL FINISSECLAR

Luigia De Crescenzo

Università Roma Tre

ORCID: 0000-0002-2661-3353

luigia.decreczenzo@uniroma3.it

DOI: <http://dx.doi.org/10.14718/CulturaLatinoam.2022.36.2.13>

Ao longo do século XIX, de acordo com a afirmação dos ideais de progresso social e de aperfeiçoamento da humanidade propalados pelo Positivismo, tornou-se cada vez mais marcada a fronteira que separava o que correspondia aos padrões de normalidade, segundo preceitos considerados – naquela altura – científicos, do que não estava em conformidade com tais modelos normativos e foi colocado, portanto, na categoria de anormal ou patológico. No âmbito de um progressivo processo de medicalização das sociedades e do estudo (pseudo) científico do funcionamento da consciência humana pretendia-se, de facto, «**prever e controlar os indícios perturbadores da ordem social**» (Garnel, 2003, p. 216), detetando os sintomas de anormalidade e, ao mesmo tempo, estabelecendo normas morais e de saúde pública para disciplinar as vidas e os corpos dos indivíduos.

Sendo assim, o vigor físico e o equilíbrio mental da população passaram a ser objetivo de uma específica «**tecnologia política do corpo**» (Foucault, 1987, p. 26) que consolidou o poder médico e científico, visando à produtividade económica e à **disciplina moral da sociedade**. Como explica o autor de *Vigiar e Punir*:

Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização económica; é, numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder



e de dominação; mas em compensação sua constituição como força de trabalho só é possível se ele está preso num sistema de sujeição [...]: o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso (pp. 25-26).

Neste cenário biopolítico, nos termos de Michel Foucault, a ação do «**poder-saber**» (Cfr. p. 27) efetivou-se também nas práticas higienistas e de ordenamento da sociedade que sancionavam a oposição entre normal e anômalo, são e patológico, pretendendo, principalmente: «**preservar a saúde das elites [...] acantonando e circunscrevendo, social, temporal, e espacialmente, a multidão perigosa, portadora de doenças e perigos, que urgia vigiar, conter disciplinar; mas também, procurando transformar as atitudes e o comportamento daqueles que, dizia-se, eram as classes laboriosas, perigosas e viciosas**» (Garnel, 2002, p. 141). Este processo de inclusão/exclusão, no qual assentava a construção de um modelo “normal” de sociedade, visava a diagnosticar e a classificar os (supostos) sinais dos desvios patológicos que ameaçavam a «**harmonia biológica da nação**» (p. 144) e que constituíam, segundo Bénédict-Augustin Morel, os estigmas da degenerescência da espécie humana.

Nos prolegômenos do seu *Traité des dégénérescences physiques, intellectuelles et morales de l'espèce humaine et les causes qui produisent ces variétés malades*, publicado em 1857, Morel, ilustrando principalmente a etiologia das doenças mentais, considera a degenerescência um fator intrínseco à condição humana pois seria – numa interpretação fortemente influenciada pela doutrina religiosa do pecado original – o resultado «**das novas condições que o grande acontecimento da queda original veio criar para o homem**» (Morel, 2008, p. 499).

Nesta perspectiva que perpetuaria, de forma paradoxalmente científica, o «**estigma de uma natureza humana eternamente marcada pelo mal**» (Santana, 2007, p. 64), os indivíduos seriam inexoravelmente influenciados por uma hereditariedade degenerativa através da qual se propagariam desvios psíquicos, perversões morais e outras condições mórbida cuja perniciosidade aumentaria na passagem de uma geração para a outra. Em termos morelianos, a degenerescência de espécie humana é definida, de facto, como:

um desvio doentio de um tipo primitivo. Esse desvio, por mais simples que seja suposto em sua origem, encerra, no entanto, elementos de transmissibilidade de tal natureza que aquele que carrega seu germe torna-se cada



vez mais incapaz de cumprir sua função na humanidade, e que o progresso intelectual já bloqueado em sua pessoa, encontra-se ainda ameaçado na de seus descendentes (Morel, 2008, p. 500).

A partir, portanto, de perda da condição de perfeição proporcionada pela criação divina, a conservação da espécie humana seria constantemente ameaçada pela transmissão de taras hereditárias e pela influência de fatores como «**alcoolismo, a tuberculose pulmonar, a sífilis, as doenças mentais ou a prostituição [...]** considerados, simultaneamente, causa e efeito de degenerescência» (Garnel, 2002, p. 144) e que afetariam **a saúde dos indivíduos, diferenciando-os, de forma malsã, de um tipo ideal** (Cfr. Morel, 2008, p. 499). Se por um lado Morel acreditava que a degenerescência, nas suas manifestações paroxísticas, teria provocado a progressiva extinção de estirpes de “seres degenerados”, pelo outro, afirmava a importância e a necessidade de combater «o conjunto de causas de destruição e de abastardamento da espécie humana» (p. 508) com a profilaxia, ações sanitárias e o tratamento dos casos patológicos para impedir que o germe da degeneração se propagasse na sociedade.

Na época do desenvolvimento industrial e económico e do relativo crescimento da população nos centros urbanos acentuaram-se as preocupações de médicos, psiquiatras, fisiólogos, cientistas e vários intelectuais que viam na desordem da convivência no espaço urbano um foco de doenças físicas e mentais, de vício e de degradação social. Por isso, na *fin de siècle*, o processo de modernização na maioria das sociedades estava estritamente ligado **à tentativa de regeneração social através de programas de saúde pública**, implementados pelas autoridades no domínio da ciência e da medicina da época.

Em Portugal, entre os finais do século XIX e princípios do século XX, a crise económica, política e moral, que culminou no traumático golpe ao orgulho nacional infligido pelo Ultimato britânico de 1890, tinha levado a uma tomada de consciência das condições de decadência moral e fisiológica da realidade nacional, transformando a tese da decadência da raça, como sugere Irene Vaquinhas (1992), em uma «“arma ideológica” que se esgrime contra a situação política vigente» (p. 370), em apoio, sobretudo, às reivindicações dos defensores da causa republicana:

A transformação política que se desejava para o país passava também pela alteração das condições fisiológicas da população. Embora seja pessimista na sua formulação, esta consciência apocalíptica das ameaças que pesa-



vam sobre a saúde do povo português associa à convicção catastrófica do futuro a certeza de que a sobrevivência é possível para os indivíduos física e moralmente capazes. Nesta medida, o conceito de decadência articula-se com o de regeneração, assumindo esta palavra quase uma dimensão religiosa – a de salvação nacional (p. 371).

Contudo, a reflexão crítica sobre a degenerescência da “raça portuguesa” e o declínio das instituições políticas e sociais foi apenas aguçada por efeito do Ultimato que, como explica de Marchis (2009, p. 13), «não é tanto a causa desencadeante de uma crise, mas o resultado de um processo crítico de décadas de deterioração do património cultural adquirido»¹ cuja interpretação foi, de certa forma, aproveitada pelos republicanos para afirmar a necessidade da «instauração da República como uma regeneração nacional numa dimensão totalmente diferente» (p. 14) e só possível depois da extinção da Monarquia. Como assinala Garnel (2003):

Se é verdade que alguns clínicos permaneceram fiéis à Monarquia, mesmo após a implantação da República [...] inúmeros foram os artigos escritos com pretensões científicas, que apresentaram as famílias reais como exemplos de degenerescência hereditária. A família real portuguesa não era, naturalmente, excepção. Frutos de uma degenerescência continuada, propiciada pelos casamentos consanguíneos e por uma educação pervertida, os reis, as suas mulheres e os seus filhos eram gente inferior, patológica mesma, sujeitos a estados de obsessão ou de loucura religiosa e nada poderia justificar o lugar preeminente que ainda detinham. Nos anos iniciais da República, continuou-se a sustentar a anormalidade patológica da família real, resposta médica aos que ainda sonhavam com o regresso à Monarquia. Júlio Dantas, por exemplo, em comunicação à Academia das Ciências de Lisboa, em 1913, dissertou sobre a sífilis de D. João II e sobre a de D. José, acentuando a influência desta doença sobre “as raças reais portuguesas” (pp. 249 – 250).

Deslocado do domínio médico-científico, o conceito de degenerescência adquiriu uma aplicação mais ampla e significados bastante, ou talvez demasiado, abrangentes «para explicar problemas tão diversos como as perturbações mentais, as doenças provocadas pelos meios insalubres, o estiolamento geral da “raça” ou as chamadas “doenças da civilização”» (Santana, 2007, p. 64), confluindo numa

1. Nesta e nas citações seguintes, a tradução para o português é da autora do artigo.



atitude cientificista que se manifestou em vários âmbitos intelectuais, entre os quais aquele da literatura. Emblemática, neste sentido, é a série de romances (*O Barão de Lavos* [1891]; *O Livro de Alda* [1895]; *Amanhã* [1901]; *Fatal Dilema* [1907]; *Próspero Fortuna* [1910]) do escritor português Abel Botelho e intitulada, significativamente, *Patologia Social*.

No conjunto dos cinco romances que compõem a série, Abel Botelho examina a crise social, política e moral que aflige a realidade portuguesa no final do século XIX através do estudo e observação de casos individuais, a fim de compreender, de acordo com os ditames do cientismo positivista, as causas dos desvios **mórbidos** e da degenerescência.

Toda a obra de Abel Botelho se modeliza em torno desta isotopia. Nos romances da série «Patologia Social» [...] a degenerescência representa-se como um motivo polimórfico de destruição. A doença, a imoralidade ou a decadência económica são algumas das suas metamorfoses. Dos bairros populares aos salões e alcovas das condessas, passando pelos burgueses pervertidos, Lisboa oferece o espectáculo grotesco e lúgubre duma cidade moribunda. Nenhuma classe está imune, mas as vítimas encontram-se de preferência nos extremos da escala social: de um lado o proletariado urbano, miserável, do outro a aristocracia (p. 287).

Autor filiado ao Naturalismo, mas com tendências para a incipiente estética decadentista (Cfr. de Marchis, 2014, p. 232), Abel Botelho ilustra, no prólogo da segunda edição de *O Barão de Lavos*, o seu projeto literário, marcado, claramente, por conceções deterministas e cujo objetivo é interpretar a realidade e o comportamento humano – principalmente nas suas manifestações mórbidas – a partir da interação e desenvolvimento das três faculdades humanas: sentimento, pensamento e **ação**. Como explica Botelho:

Por três modos diferentes se pode manifestar e exercitar atividade humana, objetiva e psíquica. Dentro de três fórmulas fundamentais se encerra todo o campo de ação da nossa individualidade, do nosso ipseísmo, do nosso modo de ser social e íntimo. *De três sortes de faculdades, apenas, depende a solução do problema da nossa vida: – faculdades de sentimento de pensamento e de ação.*

Quando o valor de tôdas três é igual, ou pelo menos equivalente, no modalismo orgânico de um indivíduo, êste realiza o tipo fisiológico, banal, sem interêsse para o meu ponto de vista. O predomínio, porém,



de qualquer dessas faculdades, no doseamento dum carácter, origina desequilíbrios, aberrações e anomalismos patológicos, os quais fazem o objeto dos estudos dessa minha série de romances.

O Barão de Lavos, e *O Livro de Alda* pretendem ser a análise de dois exemplares humanos tiranizados pela diátese das faculdades afetivas, — o caso mais comum (*apud* Moisés, 1961, p. 21).

No caso de *O livro de Alda*, o excesso das faculdades afetivas constituiu uma propensão natural para o vício e a lascívia, uma «fatalidade radicada nos nervos e inscrita no destino» (Botelho, 1927, p. 134) que arrasta a protagonista do romance para uma vida de devassidão moral e prostituição. No entanto, na obra de Botelho, Alda não é o único exemplo de desvio patológico; há uma outra personagem afetada pelo mesmo desequilíbrio sentimental: Mário, o protagonista masculino seduzido por Alda e voz narrativa do romance.

É, de facto, do ponto de vista de Mário que se analisa a condição de abjeção e degeneração de Alda, mas o uso da forma epistolar permite-nos também sondar a interioridade do protagonista, revelando um temperamento igualmente propenso à perversão e à imoralidade. As cartas que o protagonista escreve a um destinatário anónimo assumem, com efeito, a forma de uma confissão, um «exame de consciência aos quatro ventos» (p. 8) — como o próprio Mário afirma — através do qual «será como o contrito abjurar, a ascoenta repudiação dos erros do passado» (p. 8).

Por meio da narração em primeira pessoa e da sucessão de cartas, Mário reconstrói, nas palavras de Jean Rousset, «a curva parabólica da sua vida interior»² (1976, p. 85) detendo-se principalmente no relato de uma noite que «um ponto nodal negro assinala, na curva da minha vida» (Botelho, 1927, p. 23). O encontro com Alda, que ocorre emblematicamente durante o Carnaval, desvia o rumo da vida de Mário — um jovem estudante de engenharia e noivo da inocente e burguesa Branca — mergulhando-o no turbilhão da voluptuosidade e obsessão. Neste sentido, as cartas que compõem o tecido narrativo do romance revelam-se instrumentos textuais particularmente apropriados para expressar a paixão e os ímpetos de Mário, que se repercutem no movimento oscilante e hesitante da escrita:

2. Esta e as próximas citações são extraídas da edição italiana. A tradução para o português é da autora do artigo.



Três vezes comecei ontem esta carta, e três vezes rasguei, exasperado, o lastimoso aranzel de baboseiras que a custo ia espremendo do meu cérebro. Por mais ardidamente que o tentasse, não havia meio de ser simples, claro, breve; não conseguia verter num estilo impessoal, cristalisar em frias linhas de análise, austeras, largas, a fórmula pictural dessa noite memorável...noite de novidade e de febre, noite de pasmo, noite de iniciação, noite de angústia³ (p. 23).

O romance epistolar, na perspetiva de Rousset (1976), aproxima o leitor do sentimento vivido pela personagem, que narra a sua vida enquanto a vive, expressando as suas constantes flutuações; e é precisamente neste sentido que o crítico observa «uma afinidade natural entre carta e paixão, entre estilo da carta e estilo da paixão» (p. 93). Como Rousset ilustra, de facto:

Assim que a paixão for considerada como um movimento involuntário capaz de levantar todo o ser, de derrubar o velho edifício educado e galante da dignidade [...] e do autodomínio, e de trazer à superfície o instinto e a perturbação, a carta, suposta expressão imediata do espontâneo, dos surtos de emoção, o registo direto de um coração que já não se governa a si próprio, virá a ser considerada o instrumento adequado para traduzir as flutuações, incoerências e contradições da paixão (p. 93)

Nesta perspetiva, as cartas através das quais se articula a narração de Mário traçam um retrato patológico da paixão irreprimível do homem por Alda; uma mulher fatal cujo poder de sedução constitui uma força destrutiva que desencadeia a luxúria de Mário, aniquilando a sua vontade. Como escreve o protagonista:

Ali na rua do Norte, nesse gineceu banal figurando para mim a supernal ventura, aí era onde mais frequente a minha assistência se fazia; aí é que de preferência eu voava a consumir a impetuosidade febril de meus verdes anos, inflamado e preso na divina radiação desse ente maléfico e singular, tirânico símbolo da tentação, magnífica, inconcebível criatura toda feita de graça e mistério...Porque a qualidade do meu sentir, a minha doida obcecação por ela não era só uma paixão vulgar, meio animal, meio afetiva, um destes brutais e empolgadores sentimentos que ao mesmo tempo nos aguçam e governam o instinto, e discricionariamente dispõem do nosso querer (Botelho, 1976, p. 155).

3. Nesta e nas citações subsequentes, a ortografia foi atualizada.



A lascívia e a sensualidade desenfreada de Alda exercem uma forte atração sobre Mário cujo desejo não é meramente carnal, mas também «a fogosa predileção dum artista perante esse ser complicado e estranho, esse tortuoso problema vivo, essa estabanada e viciosa esfinge que eu laboriosa e pausadamente ia logrando decifrar» (Botelho, 1927, p. 155).

De acordo com uma tradição patriarcal e misógina, que atribui uma posição de inferioridade às mulheres e que encontra confirmação no discurso médico e científico desenvolvido no final do século XIX, Alda corresponde à imagem de uma «histericasita como tantas outras que o nosso tempo está dando com fartura» (p. 135): um modelo de feminilidade degenerada considerado, a mesmo tempo, sedutor e perigoso.

Tal concepção reflete, por um lado, as tentativas da ciência do século XIX de explicar a obscura, e supostamente mórbida, índole feminina, enquanto, por outro lado, encarna, nos termos de Pierre Bourdieu, a «visão androcêntrica» (Cfr. Bourdieu, 2002, p. 18) que estrutura a sociedade e atribui rígidos papéis aos indivíduos, pressupondo a incontestável superioridade e autoridade do modelo masculino em relação ao qual se define o lugar da mulher na sociedade. Em outras palavras, um modelo de «hegemonic masculinity», como diz Raewyn Connell, ou seja, «the configuration of gender practice which embodies the currently accepted answer to the problem of the legitimacy of patriarchy, which guarantees (or is taken to guarantee) the dominant position of men and the subordination of women» (Connell, 2005, p. 77).

De acordo com esta perspectiva dominante e normativa, a predisposição para a luxúria, como no caso de Alda, fez das mulheres espelhos de uma decadência que no final do século XIX parecia quase irreversível, tornando-se objeto de uma atenção quase obsessiva por parte da ciência e também da literatura que se referia ao saber médico-científico da época. Como explica Maria Saraiva de Jesus (1998):

No período que nos ocupa, observa-se, portanto, a hegemonia da perspectiva masculina numa literatura que tratou obsessivamente temas como o amor, a mulher ideal, a mulher fatal, o casamento, o adultério, o divórcio, a maternidade, a educação, o poder do sexo, a homossexualidade, etc. Temas que bem demonstram a preocupação do homem com o conhecimento de si mesmo e das suas pulsões amorosas numa época em que a filosofia positivista e a oposição aos excessos românticos o levam a desejar a controlar a fluidez da vida, os azares da fortuna, a sua aparentemente fácil submissão ao domínio do sexo, os perigos da desorganização e destruição provocados pela paixão, oposta à razão e ao dever social.



Objecto do desejo masculino e repositório dos seus medos e obsessões, a mulher representou sempre para o homem um misto de atracção e repulsa (p. 150).

A depravação e o excesso de sensualidade de Alda são, claramente, características da patologização da sexualidade feminina que, de acordo com a teoria da degenerescência de Bénédict-Augustin Morel, corresponderiam àquele *desvio malsão de um tipo ideal* representado, no romance de Abel Botelho, por uma outra figura feminina, a virtuosa e casta Branca:

Evidentemente, neste perenal atasqueiro a cuja tediosa peregrinação te obrigo, a figura transcendente e nobre da minha noiva vai formar excepção...vai ser como que um diamante caído num monte de seixos, um altar numa taberna — Oh, não que tu bem sabes quanto ela era única na sua admirável simpleza quanto ela era santa e pura duma pureza mais inatingível e mais alta que as mais inacessíveis montanhas! (Botelho, 1927, p. 89)

Na perspetiva maniqueia oitocentista, a noiva de Mário – mulher anjo por antonomásia – encarna o oposto de Alda – *femme fatale* e demoníaca – a qual só pode representar o fruto de um processo de degenerescência em relação a um «modelo normal feminino» cujo valor essencial era o pudor (Cfr. Garnel, 2002, p. 156) pois as «mulheres a quem tal qualidade faltava só podiam ser consideradas como seres degenerados, isto é, seres anormais, que moralmente se encontravam próximos do modelo primitivo de promiscuidade» (p. 156). A sexualidade promiscua e não finalizada à procriação transgredia, de facto, a norma feminina que atribuía às mulheres os únicos papeis de esposa e mãe; por isso, a prostituta, como ser anormal e marcado por uma inata depravação, seria expressão, na perspetiva de Cesare Lombroso e Guglielmo Ferrero (1903), da atávica criminalidade feminina. **À luz disso, a** exorbitante luxúria de Alda constituiria o estigma de uma condição de inferioridade natural que faria com que a mulher possuísse «uma natureza menos capaz de sentido moral, menor capacidade reflexiva, uma incapacidade de refrear emoções, facilmente suggestionável, marcada, em suma, por fragilidades que justificavam a sua subordinação ao homem» (Garnel, 2002, p. 146). Apesar de sua visão condicionada da imperante misoginia que caracterizava a reflexão pretensamente científica sobre a mulher, Abel Botelho,



através da voz do protagonista do romance, parece culpar não apenas Alda pela sua condição de aviltamento moral, mas também os homens que «havia abusado da sua inexperiência, torcido o seu querer e gastado a sua virtude» (Botelho, 1927, p. 250) e a sociedade, artífice das desigualdades e da corrupção moral e material:

Bem mais odiosa e ultrajante que a prostituição da mulher, a qual não passa dum fenômeno todo físico, automático, animal, considero eu a consciente prostituição do homem, que é pensada, reflectida, filha do cálculo, uma ignóbil transigência com a desonra, perpetrada na perfeita antevisão de toda a sua vileza. O espião não vale a meretriz. Nas insondáveis profundezas da estratificação social, abaixo do esterco das almas fica a bandalheira das consciências. A descarada que cinicamente oferece o seu corpo na praça pública, não merece maior execração do que o ambíguo malandrim que sorrateiro desliza pelas recamaras dos grandes mandões da terra, dos beatos do destino, dos favoritos do poder e da fortuna, pronto a vender-se por um negócio, pondo em almoeda na sombra a sua inteligência, o seu braço, a sua força para desdobrar uma intriga ou para esconder uma infâmia. Esta, sim! esta é que é a verdadeira prostituição moral, é a lia mais aviltante da humana condição, a grande pústula essencial do nosso tempo (pp. 250-251)

Neste sentido, a «autodissecação epistolar» (p. 9) de Mário representaria, retomando o que Michel Foucault afirma a propósito da correspondência epistolar em *L'écriture de soi*, «uma abertura que se oferece ao outro sobre si mesmo» (Foucault, 1983, p. 157), que na obra de Abel Botelho parece expressar uma intenção moralizadora ao mostrar as sinistras consequências de condutas indecentes. A personagem de Alda configurar-se-ia, assim, com a projeção de um desejo deplorável e pecaminoso que habita, com efeito, na alma do protagonista e que irá prevalecer sobre o seu temperamento frágil e suscetível, e incapaz de controlar os seus instintos. Como o próprio Mário revela:

Neurasténico e débil, é o meu grande espinho a sensibilidade, – a medula da minha vida. Dotado para a emoção dum excessivo poder de receptividade, acontece que vejo sempre o sentimento em grande; e, assim, o que para os outros é gozo, para mim é excesso. Não suporto a brutalidade, não me fascinam violências. A parcimónia me basta, sou feliz com coisas mínimas. Por isso fujo a aglomerações, a festas; por isso no meio da torrente das distrações abroquelo-me e fecho-me, – como as valvas de uma concha, –desorientado... porque aí todos os meus sentidos perdem vigor,



nada que me fale à alma, e as coisas baralham os contornos, e os homens parecem-me mais pequenos (Botelho, 1927, p. 12).

De acordo com os preceitos do romance experimental teorizado por Émile Zola, a narração epistolar de Mário constitui, portanto, um daqueles *documentos humanos*, do qual derivaria, através da observação e da verificação da ideia experimental, o conhecimento “científico” do mecanismo das paixões humanas. Segundo o autor de *Naná* (1880), de facto, «o romance naturalista [...] é uma experiência verdadeira que o romancista faz com o homem, apoiando-se na observação» (Zola, 1982, p. 32) com o objetivo de conhecer o funcionamento e as manifestações da natureza humana e, assim, controlá-la:

E é isto que constitui o romance experimental: possuir o mecanismo dos fenômenos do homem, mostrar a engrenagem das manifestações intelectuais e sensuais, tal qual a Fisiologia no-las explicará, sob as influências da hereditariedade e das circunstâncias-ambiente, e depois mostrar o homem vivendo no meio social que ele mesmo produziu, que modifica todos os dias, e no seio do qual experimenta por sua vez uma transformação contínua. Assim, portanto, nós nos apoiamos na Fisiologia, tomamos o homem isolado das mãos do fisiólogo para continuar a solução do problema e resolver cientificamente a questão de se saber como se comportam os homens, desde que estão em sociedade (pp. 43-44)

Ao desvendar as torpezas de Mário, Abel Botelho mostra as consequências das paixões descontroladas e da interação com um meio degradado que as leva ao paroxismo, tentando, de acordo com os propósitos moralizadores e didascálicos das obras naturalistas, indagar sobre o «determinismo dos fenômenos» e conhecer a verdade sobre as ações individuais e sociais do ser humano (Cfr. p. 35), como explica Zola:

Pois bem, este sonho do fisiólogo e do médico experimentador é também o do romancista que aplica o método experimental ao estudo natural e social do homem. Nosso objetivo é o deles; queremos, nós também, ser mestres dos fenômenos dos elementos intelectuais e pessoais, para poder dirigi-los. Somos, em uma palavra, moralistas experimentadores, mostrando, pela experiência, de que modo uma paixão se comporta num meio social. No dia em que detivermos o mecanismo desta paixão, poderemos tratá-la e reduzi-la, ou pelo menos torná-la a mais inofensiva possível (p. 48)



À luz disto, a «franca e nua penitenciação» (Botelho, 1927, p. 8) de Mário pode ser lida também como um mea-culpa, uma auto-acusação que se torna, por sua vez, numa crítica contra à falsa respeitabilidade e uma denúncia da injustiças sociais, «um repto sincero vibrado à hipocrisia da moderna sociedade, um desafio honesto ao cínico rebuço da chamada opinião pública, à moralidade convencional das multidões, à supernal velhacaria com que os homens, em comum, repudiam e condenam a prática dos prazeres, que cada um depois vai secreta e avidamente deglutir no recato morno das alcovas...» (p. 8).

Na sociedade burguesa finissecular, dominada por valores como a moderação, o controlo das paixões e dos instintos, as aberrações sexuais e mentais dos indivíduos eram consideradas como sintomas de progressiva decadência da qual a *femme fatale* era a figura mais representativa. Agressiva e considerada quase masculina na sua atitude violenta e dominadora (Cfr. Mosse, 1985, pp. 103-104), a mulher fatal encarna, no imaginário *fin de siècle*, uma obscura e perigosa androginia que ameaçava o ideal da virilidade, desestabilizando, nos termos de George L. Mosse, «the vital role of gender distinctions in ordering a world which seemed on the brink of chaos, but which nationalism with its emphasis upon respectability was attempting to preserve» (p. 102).

Agente da desordem e da destruição da plácida, e talvez abúlica, existência de Mário, Alda leva no corpo corroído pelo prazer os traços de anomalias morais e sexuais que se revelam numa dúplici caraterização: «miudita e franzina [...] não a opulentavam as redundâncias habituais do sexo, antes parecia o seu corpo, – tão fartamente prostituído, – a fria e tímida carne duma virgem elegantizada a poder de abstinência e castidade» (Botelho, 1927, p. 35) mas, ao mesmo tempo, «a mais franca e anadiomenica síntese da tentação, do vício inteligente, da perversão espiritualizada. De tanto que ela era corrida e enxuta de formas, chegava a parecer insexual o seu corpo andrógino e fresco» (p. 36). Aquela de Alda pareceria, portanto, uma sensualidade a tal ponto exacerbada – na narração alude-se também a um relacionamento lesbiano – que subverte qualquer (falaz e infundada) separação entre normal e anormal, tornando-a num ser quase híbrido cujo inquietante e fatal poder sedutor é simbolizado pela desproporção dos seus seios:

Tipo fisiologicamente bastardo, toda a vida lhe refluíra ao seio; naqueles dois promontórios de carne e de pecado, luzentes, duros como o marfim e como um fruto tropical quentes e macios, palpitava a diátese sensu-



al e se concentravam as energias dinâmicas e toda a epicureia e boémia devassidão da estranha criatura. Todo o seu modo de ser se resumia, se condensava ali...ali estava a razão da sua estética, da sua moral, do seu sentir, do seu querer, tendências, predileções, instintos, em suma, toda a finalidade agitada e violenta do seu destino. Eram a sua sina, a sua definição, a sua divisa; a diagnose do seu temperamento e o segredo funcional da sua alma. Nessas duas estonteantes pontas de coral, como nos reóforos duma pilha, se acumulava todo o seu elétrico poder de sedução; por elas havia de fatal e calidamente exercitar-se sobre o Homem o seu acanhalhante império, em ondas de paixão, em catadupas de infâmia e de veneno. Com as suas duas grandes tetas espetadas, aquela mulher esguia e frágil era um símbolo; sem elas seria uma pobre figurita, doentia e efémera. Assim era uma irreprimível tentação; doutra forma seria um desagradável exemplar abortivo (pp. 36-37).

A descrição hiperbólica e escabrosa da conformação de Alda revela, nas palavras de Michel Foucault, «uma monstruosidade moral» (2001, p. 92), atribuída às imperfeições ou às anomalias físicas, e «que tem seu ponto de efeito não na natureza e na desordem as espécies, mas no próprio comportamento» (p. 93). Além disso, o aberrante retrato de Alda representaria também o poder destrutivo de um desejo, reprovado pelas normas morais e sociais, que aniquila os que se submetem ao seu domínio: «E, assim, ela era bem o produto aberrativo e mórbido deste fim de século destemperado e egoísta, em que a contumácia no prazer produz toda essa descerebrada legião de ninfomaniacas, e a hipertrofia cerebral origina os homens com aparência de fetos» (Botelho, 1927, p. 37).

Como sustenta Massaud Moisés (1961), a personagem de Alda, encarnação da marginalidade do *bas-fond* de Lisboa, «reúne em si todos os males [...] de que padece a sociedade burguesa do fim do século XIX» (p. 69), representando, no entanto, o fruto do «despotismo imoral e absurdo da sociedade hipócrita que as vitimou» (Botelho, 1927, p. 188) pois, sempre segundo Moisés, «a alta camada social necessita das Aldas, para, clandestinamente, desafogar solicitações de baixa natureza» (1961, p. 69).

Esta “função” da prostituição fazia com que viesse a ser tolerada como «válvula de segurança à moral pública»⁴ (Lombroso, Ferrero, 1903, p. IX), preservando, hipocritamente, a respeitabilidade dos homens burgueses, uma vez que, segundo Alain Corbin (1985):

4. A tradução para o português é da autora do artigo.



os casamentos tardios [...], os hábitos dissolutos que esta expectativa tende a criar, a “moral de classe”, em particular o valor atribuído à virgindade das donzelas e a fidelidade das esposas, determinam dentro da burguesia uma procura sexual com um desenvolvimento anômalo, que não pode em caso algum ser satisfeita apenas pelas mulheres desse meio⁵ (p. 256).

Alda, portadora de uma mácula hereditária e social, corrompe a natureza frágil de Mário, que sucumbe à tirania das paixões e ao poder destrutivo da sua sedução, pagando o seu deboche com o absoluto aviltamento de si e o indelével sentimento de culpa pela humilhação fatal infligida a Branca, a qual, já doente com tuberculose, não sobrevive à dor da traição de Mário.

As flutuações emocionais, a falta de coragem e autodisciplina manifestadas pelo protagonista de *O Livro de Alda* constituem, por sua vez, desvios de um modelo normativo de masculinidade, definido por George Mosse como, «a stereotype that in its “quiet grandeur” and self-control reflected the view society liked to have of itself» (1996, p. 56); a virilidade, assim concebida, afirmou-se, de facto, em antítese à conceção de degenerescência (Cfr. Mosse, 1985, p. 34), representando um ideal de aperfeiçoamento ao qual deveriam tender todos os homens para garantir a evolução e regeneração da raça e da nação:

The ideal of manliness was basic both to the self-definition of bourgeois society and to the national ideology. Manliness was invoked to safeguard the existing order against the perils of modernity, which threatened the clear distinction between what was considered normal and abnormality. Moreover, manliness symbolized the nation’s spiritual and material vitality. It called for strength of body and mind, but not brute force—the individual’s energies had to be kept under control (p. 23)

A relação entre Mário e Alda parece subverter os papéis moral e socialmente aceites, portanto, numa época de fervoroso nacionalismo, homens como Mário constituíam, mais uma vez citando Mosse, «a negative stereotype» (1996, p. 6) de um certo ideal de virilidade, um “contratipo”, ou seja, «those who stood outside or were marginalized by society [...] that reflected, as in a convex mirror, the reverse of the social norm» (p. 56). No entanto, como escreve Mosse: «the masculine stereotype was strengthened, however, by the existence of a negative stereotype of men who not only failed to measure up to the ideal

5. A tradução para o português é da autora do artigo.



but who in body and soul were its foil, projecting the exact opposite of true masculinity» (1996, p. 6).

E é precisamente neste sentido que se pode interpretar a trágica ambiguidade na qual está preso o protagonista de *O Livro de Alda*: se por um lado, de facto, Mário parece distanciar-se do modelo normativo, contestando a sociedade que tal ideal representa e o próprio conceito de normalidade, por outro lado, o seu temperamento frágil e neurasténico coloca-o fora da ordem social, entre os anormais, condenando-o a uma lenta agonia que culminará numa tentativa de suicídio, evitada por um amigo: o destinatário anónimo das suas atormentadas e angustiadas cartas.

Referências

- Botelho, A. (1927). *O Livro de Alda*, Porto: Livraria Chardron de Lello&Irmão.
- Bourdieu, P. (2002). *A dominação masculina*, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Connell, R. (2005). *Masculinities*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press.
- Corbin, A. (1985). *Donne di piacere. Miseria sessuale e prostituzione nel XIX secolo*, Milano: Mondadori.
- de Marchis, G. (2008). *E... Quem é o autor desse crime? Il romanzo d'appendice in Portogallo dall'Ultimatum alla Repubblica (1890-1910)*. Milano: LED Edizioni Universitarie.
- de Marchis, G. (2014). L'Ottocento. L'Europa come miraggio (1862-1900). In G. Lanciani (Ed.), *Il Settecento e l'Ottocento in Portogallo* (pp. 191-246). Roma: UniversItalia.
- Foucault, M. (1983). A Escrita de Si. In M. Barros da Motta (ed.) *Ética, sexualidade, política / Michel Foucault*, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, pp. 144-162.
- Foucault, M. (1987). *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*, Petrópolis: Vozes.
- Foucault, M. (2001). *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. São Paulo: Martins Fontes.
- Garnel, M. R. Lino. (2003). O poder intelectual dos médicos. Finais do século XIX – início do século XX. *Revista de História das Ideias*. 24, Coimbra: Faculdade de Letras, pp. 213-253.
- Garnel, M. R. Lino. (2002). A loucura da prostituição. *Themis - Revista de direito*. 5 (ano III), Lisboa, pp. 139-158.



- Jesus, M. Saraiva de. (1998). Alguns estereótipos sobre a mulher na segunda metade do século XIX. *Veredas*. 1, Porto, pp. 149-163
- Lombroso, C., Ferrero, G. (1903). *Donna delinquente: la prostituta e la donna normale*. Torino: Bocca.
- Moisés, M. (1961). *A «Patologia Social» de Abel Botelho*, São Paulo: FFCLUSP.
- Morel, B. A. (2008). *Tratado das degenerescências na espécie humana* [1857]. In *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* 11(3). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1415-47142008000300013> (tradução para o português de Maria Vera Pompeo de Camargo Pacheco e Mário Eduardo Costa Pereira).
- Mosse, G. L. (1985). *Nationalism and sexuality: middle-class morality and sexual norms in modern Europe*, Madison: The University of Wisconsin Press.
- Mosse, G. L. (1996). *The image of man: the creation of modern masculinity*. New York/Oxford: Oxford University Press.
- Rousset, J. (1976) *Forma e significato. Le strutture letterarie da Corneille a Claudel*, Torino: Einaudi.
- Santana, M. H. (2007). *Literatura e ciência na ficção do século XIX. A narrativa naturalista e pós-naturalista portuguesa*, Lisboa: INCM.
- Vaquinhas, I. (1992). O conceito de decadência fisiológica da raça e o desenvolvimento do desporto em Portugal (finais do século XIX - princípios do século XX). *Revista de História das Ideias*. 14, Coimbra: 1992, pp. 365-388.
- Zola, E. (1982). *O romance experimental e o naturalismo no teatro*, São Paulo: Perspectiva.